

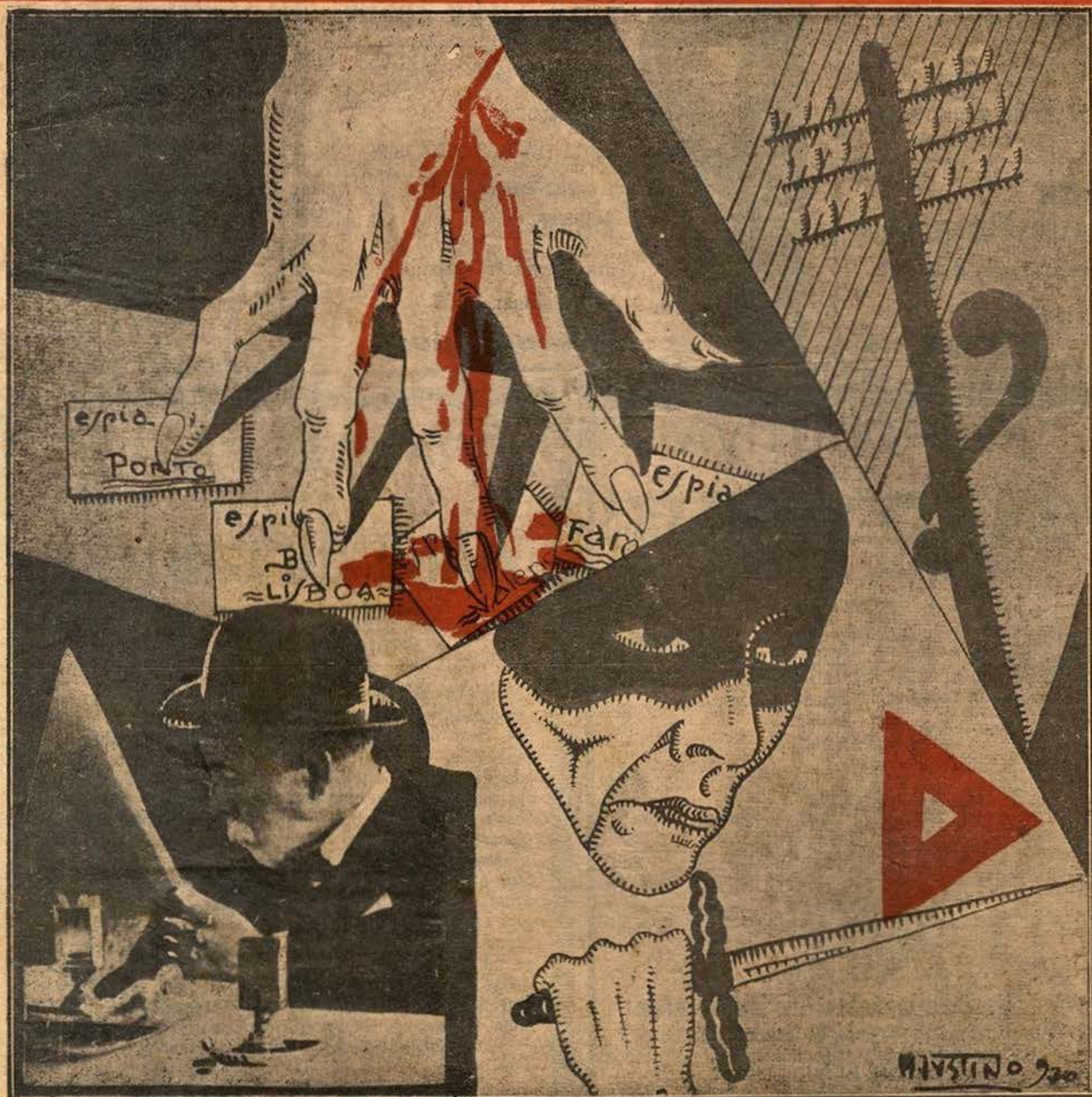
REPORTAGE!

Semanario das
grandes reportagens

Nº 1

16, de Agosto de 1930

Numero 2



“Os cinco espíãs portugueses” — revelações sensacionais — (págs. 8 e 9). — No canto: Ericke Phillips, o autor do livro sobre espionagem alemã em Portugal,,

FIAT O "525"

É o mais sportivo dos Carros de turismo. O mais turistico dos carros sport

Grande potencia e elasticidade de motor, suavidade e silenciosidade de marcha. Travões potentes e eficazes. Carrosserie comoda e luxuosa.

EXPERIMENTAI-O! Fiat Portuguesa S. A.

Palacio da Avenida, 253

LISBOA-Telefone, 2928

R. de Santa Catarina, 122

PORTO-Telefone, 1094

O «525» pode ser fornecido com culatra especial de super-compressão e duplo carburador, mediante um pequeno suplemente. Este dispositivo permite-lhe atingir a velocidade de 130 kilometros á hora.

Café Concerto Primavera

Travessa da Picaria, 28

O maior Salão Dancing do Porto.

Todas as noites novas variedades "soirés" pela "Coupletista" Lina de Loscar

SERVIÇO DE RESTAURANTE E GABINETES
ABERTO TODA A NOITE

Bazar Eleto-Fotografico

Rua de Passos Manuel, 12

Artigos
fotograficos

P

AULO, FILHO SUGGR.

passaportes

assagens

RAÇA DA BATALHA, 82

REDIO PROPRIO

ORTO

ara telegrafar «jupau»

ara telefonar—1805

rimeira casa no género

COELHO DA COSTA

Agente oficial

Decoretos e passaportes para o Brazil, França, etc.

Verde passageiros para todas as classes, embarcando em Leixões ou Li-boa.

Rua Chã, 129-131—PORTO
Telefone agencia 1412 Residência 1872

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos
PREÇO 1\$00

Há venda em todas as Drogarias

V. Ex.^a Desja comprar barato?
Elegante? Na ultima moda?
EXPERIMENTE E VERÁ!!!
SAPATARIA LAGES
Rua Santo Ildefonso, 20—PORTO

A PRODUTIVA DE

JOSE DE MAGALHÃES

Rua da Picaria, 27—Telefone 91

PORTO

Unico importador de arame de uma das melhores fabricas alemãs para o fabrico de REDE DE ARAME PARA A PROTEÇÃO DAS CURVAS DAS ESTRADAS. Redes em arame para vedações de terrenos, jaulas, etc, etc.



MARCA REGISTRADA

FABRICA DE COLCHÕES DE ARAME

Unico fabricante do capacho metalico IDEAL
(Ultima palavra em capachos metalicos)
PATENTE REGISTRADA

GRANDES FESTAS DE

VIANA DO CASTELO

SENHORA DE TONIA

DIAS 16, 17, 18, 19 e 20

Nenhuma provincia portugueza conserva tanto as suas tradições, ao mesmo tempo que evoluciona e se moderniza, como o Minho. As suas festas são uma apoteose de coloridas, ou alegria, de saboroso encantamento. Mas as de Viana do Castelo foram sempre ás mais completas, as mais animadas, as mais concorridas. As de este ano basta passar um ligeiro olhar pelos programas—ultrapassam em interesse, variedade e originalidade as anteriores. De todos os pontos do pariz e mais talvez do sul que do norte, visto que para as do sul as festas ni-nhotas teem um vivo sabor de exotismo, se preparam longas caravanas de romeiros para estes dias de pequeno paraizo terrestre, passado entre fulguedos de todo o genero e no meio de um scenario natural, que é dos mais belos da Peninsula. O "Reporter X", que prepara uma curiosa e original reportagem para estas festas oferece-se, com entusiasmo, aos seus leitores, para servir de medi-neiro, entre eles e a comissão organizadora das citadas festas.

Homens & Factos do Dia

O preço da vida humana

Paulo Freire perguntou: «O castigo a dar ao echauffeur da camionette que esmagou contra o asfalto esse jornalista de genio que era Mayer Garcia — pode ser igual ao que atropela um parasita qualquer das ruas?» Creio que existem leis que orientam a antropometria da culpa pelo valor do prejuizo causado. Neste caso não se trata de castigo, mas sim de estabelecer a indemnização; e para se fixar esta pelo valor do jornalista roubado á colectividade era preciso exigir ao culpado que nos substituisse o morto illustre escrevendo com a sua gran-eloquencia brilhantissima aqueles seus artigos que eram a «Marseilha» em prosa—como dizia Manoel Guimarães. Ora nestas condições a indemnização torna-se impagavel...



quando condena a morte um desgraçado com familia—manda entregar a esta uma quantia que varia entre 100 e 1500 dollars. E sabem os senhores a que obedece esta variante? Ao grau do crime que ele cometeu... Rockefeller segurou a sua carcassa ossuda e medonha por cem milhões... A esposa do quimico japonês Dr. Majukit, victima de um accidente nos laboratorios do Estado, exigiu uma indemnização equivalente a dois mil contos; e o Estado pagou-a... A lei japonesa é rigorosa e generosa a este respeito... Mas esse mesmo accidente que matou o quimico, fulminou um velho cego e androioso que, ciceronado pela filha unica, se acercara do laboratorio a cumprir um recado; e o Estado indemnizou a filha do velho com uma soma equivalente a quinhentos escudos portugueses...

O preço da vida humana! E' tão pouca coisa, tão pouca coisa que ainda hoje se preveem guerras onde morrerão milhões de innocentes...—R. X.

A tragedia da semana

Um fait divers de trez linhas, a mais insignificante noticia do diarismo. Mal se leu tão assombreada vinha entre uma novidade de Paris e um relato de foot-ball... O Grime de Santo Tirso—daquele homem que matou o filhinho pequeno com água forte... Porque? Sabeis que razão levou esse extra-homem ao seu crime? E' que e petiz ocupava demasiado tempo á mãe; não a deixava trabalhar tanto quanto ele, marido, lhe exigia...

Senhores! Não sei se sois paes—mas sei que sois homens!

Sabeis como inverosimilmente elastica é a angustia humana de um pai que vê de subito, um filho a adoecer... O traquina amodorra; os olhitos inquietos tornam-se sonolentos e tristes; chora num pranto,



O professor distraído (que saiu para dar um passeio ao cão)—Estou a sentir uns pingos na cabeça... Se calhar vai chover, apesar de est: x sol

Se sob o ponto de vista humano todas as vidas são igualmente respeitavéis, pertençam a reis ou a mendigos, a ricos ou a pobres, a mulheres belas ou aleijadas, —socialmente a escada, é variadissima; vem do zero—validade até ao «zenith» do valor. Mesmo no roda pé vulgar a vida dum simples operário que sustenta toda a familia com os seus braços vale tantas vezes do que mais a do ricoço, solteiro, inactivo e egoista, quantas são as vidas que aquele operário mantém com a sua. E voando para as elites veremos que a tabela de preço da vida de um homem que nas artes ou nas sciencias busca novos paraizos para os seus semelhantes como os mineiros, prefurando o ventre da terra, lhe arrancam diamantes não pode nivelar-se ao de um vulgar trabalhador, soldado raso do grande exercito, facilmente substituível.

Infelizmente não se pensa, de uma forma prática, na defeza excepcional dessas vidas impares, das vidas cuja morte é um prejuizo ruinoso para a Humanidade. Se Pasteur tivesse morrido aos 20 anos, picado de balas, numa guerra qualquer—quantos milhões de vidas que as suas descobertas scientificas pouparam e hão de poupar pelos séculos fóra; não se teriam perdido com a sua? Se a carroça que destroupeu o corpo escanzelado de Curie, na Avenida da Opera, tivesse passado um pouco depois—ou antes; se a vida do descobridor do radium gozasse duma defeza excepcional e permanente—quantos milhões de vidas não teriam sido arrancadas da morte, graças ás descobertas que Curie não fez por ter sido morto por uma carroça?

Quanto vale uma vida humana? Tanto e tão pouco! A lei, nos Estados-Unidos

Reporter

Semandrio de grandes reportagens e de critica a todos os acontecimentos sociais... mais de Portugal e Estrangeiro...

Sai aos sábados e é posto á venda simultaneamente em todo o paiz

DIRECTOR:
REYNALDO FERREIRA (Reporter X)

Director-gerente, Administrador e Editor:

Angelo de Azevedo Ferreira

Chefe da Redacção:

Mario Domingues

Proprietade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

Redacção, Administração, Publicidade e Officinas

Rocio, 3 (Tel.: Trind. 604) Lisboa
Cincoela Velha, 39 (tel.: 1058) P. rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

3 mezes—série de 12 numeros—Esc.	11\$50
6 " — " " 25 " —Esc.	22\$50
12 " — " " 52 " —Esc.	44\$50

suave sem impertinencia; a cabe e escada... O medico franze o sobrolho... Perde-se a primeira noite numa vigília aflitiva, numa inquietação de todos os minutos o a todos os pretextos, porque estrebuxa, porque não se move, porque empalidece, porque está atordoado... Na manhã seguinte, pior; o medico monossilaba vagamente uma ameaça... A dor, a dor imensa cresce para além do previsto nas leis humanas...

E sejam pobres ou milionários, ricos são todos pela largueza, com que esbanjam o dinheiro que se possui ou que se não possui; pobres são todos porque nenhuma fortuna chega para salvar o filho que agoniza irremediavelmente... Todos os medicos da nossa terra não lastam: Queriamos mais, queriamos os sabios de todos os paizes... Toda a frascaia das farmacias nos parece pouca—como remedio salvador... E sendo-se ateu, raze-se; e sendo-se crente, blasfema-se...

Senhores! E ha um pai que voluntariamente, premeditadamente, adoeco o filho; e assista a agonia; e perde-o; e vê-o morrer com alegria de quem triunfal Enquan os outros buscam uma droga milagrosa, devalle ele veneno; enquanto os outros suplicam a vida—anciava ele a morte; enquanto os outros choram num desespero maximo—ele gargalhava, louco de entusiasmo. E não era preferivel oh! Supremo Senhor de todas as vidas—que fossem desse pai, todos os filhos que se perdem?

Senhores... Tenho dois filhos; e há muitos anos perdi uma filha, tão pequenina ainda—seis mezes apenas—palmo e meio de carne rosada e leitosa... Uma manhã acoidou febril; á tarde fechava os olhos para sempre... Foi ha muitos anos —e ainda hoje a perco na dor de pensar que não a tenho! Senhores: E aquele homem matou o filho.—R. X.

S. F... X, é o posto receptor que
 repórter X instalou para interceptar
 todos os «rádios» cochichados pelos cafés,
 arredados pe os cantos da cidade, bisbi-
 otados pelos salões, pelos bastidores...
 É aqui o potin jornalístico, o boato côr
 rosa... ou de côr da tinta da China,
 nitava-se a picar d'oxigênio a gente de
 teatro... Era o «Retroz Preto»... T. S.
 ... X faz com retroz preto os potins
 em todas as classes—da literatura, do
 andanismo, da imprensa, dos cinemas,
 etc. etc...



**A cri em das
 grandes
 fortun e
 portuuezas**

O meu amigo X cironava-me
 pelo interior conventual da Mesecordia da cid. de V... do...
 Como é característico no Mi-
 bo, ao longo das paredes, h-via
 um estendal de quadros com os
 enemeritos mais ou menos brasili-
 rosos, oleograficos, cromo-tipo-
 graficos, berrantes os rô-tos enfi-
 tidos por matações peludos, pas-
 saplôhos ou mosca; sobrecasacas
 olenes, comendas de confeltria,
 mão direita, falscando aneis.
 apalmada sobre a coixa rollça.

«Vê aquele?»—disse-me, abemo-
 nando a voz e disparando o indica-
 dor para um retratado obesso,
 com os bicos do colarinho espe-
 ridos nos matações e os cabelos
 rriçados.—A minha santa velh-
 o, mãe de minha mãe, conheceu o
 m menina e os paes contavam-
 me mais tarde a biografia, repe-
 da por todos os contemporaneos.
 «E este cavalheiro respeitavel
 enemerito, homengueado «extra-
 tumulo» com o logar de honra
 esta galeria era o «Jeriqueiro»
 e... V. de C. (como o apodavam os
 mpresarios do correio conduzido
 o dorso dos burricos e das mu-
 las acaravanadas em recula e
 ulados por moços, corresponden-
 la e mercadorias)

«Os assaltos aos correios e aos
 alores desses combolos humano-
 quadrupedes, que eram o pio
 osso da epoca, amiudavam-se nu-
 a frequencia quasi mensal, a
 rtir de certo ano e até á morte
 esse Ex.^{mo} Ill.^{mo} Senhor que all
 stá, sem que se pudesse nunca
 arpreender os bandidos em flir-
 ante.

«Mas houve depois um moço
 ue tagarelou descobrindo o en-
 enho da martingala. O Jeriqueiro
 stava associado aos saltadores;
 ra ele quem se roubava a si
 proprio dividindo o motim com os
 uadrlheiros—deixando uma for-
 ma quantiosa, de Conde de Mon-
 te Cristo... Da prenhez dos seus
 ofres lromperam em forma de
 gados varios, verbas lmpoartans
 para obras de caridade sen-
 o a Mesericordia romtemplada...
 ogicamente este Rafles antigo,
 lentejillando postumamente a sua
 areola de honrado, entronisou-se
 a lmportalidade. E os seus des-
 endentes compartilhavam de ambos

os paralo: o do nome glorio e o
 do otro sorvilo dos bahu do cor-
 reio...

E o meu amigo X pronun-
 ciou o meu ouvido um nome que
 me de xou gemer nos jerticos evoca-
 dos. Podia lá ser? Mas er l
 Que bala reportagem ás grandes
 fortunas portuguesas, muito breve.



**Um grande actor
 portuguez...
 extra de cinema**

A valdade em artistas, mesmo
 nos inteligentes atinge, por vezes
 tais proporções de grandeza que
 os Imbecilisa. O actor Z... está-tão
 convencido que é o maior actor
 do mundo que um dia resolveu:
 «Vou fazer cinema». E anunciou: «Z
 parte para Hollywood (suponhamos
 que é Hollywood...) para iniciar
 a carreira cinematográfica». Chegou
 a Hollywood instalou-se no hotel
 e ficou esperando. Estava por tal
 forma intexicado pela utopia de
 sua valdade que estava certo de
 que todos os «meiteurs» viriam
 em bicha suplicar-lhe que aceitasse
 um daqueles contractos a «la yan-
 kees» que se inventam nas revistas
 de cinema... Passou um dia, uma
 semana e um mez... Ninguem o
 procurava! Ele não percebia o que
 podia ser aquilo... Dar-se-hia o
 caso que não soubessem que ele
 tinha chegado? Foi então, como
 quem não quer a cousa, aproxi-
 mando-se... Apresentaram-lhe um
 realisador... Este, muito preocu-
 pado, saudou-o, laconico. Maior sur-
 preza para Z... E disse-lhe: «Eu
 sou Z...»—«Ah sim?»... «O actor
 Z—«Perfeitamente!»—«Sou o gran-
 de actor Z!!!»—E Z pronun lava
 a ultima frase, tremulo já de mau
 génio. O realisador então, sempre
 preocupado, respondeu-lhe. «Não
 conheço, mas como tem boa apa-
 rencia posso metê-lo na fita que
 estou fazendo. Venha amanhã.» Z
 não percebeu bem e foi. Foi e...

Oh! desilusão!—quando esperava
 ser acalhito entre o fusilar de
 rollhas de champagne como prelu-
 dio de uma conf-rencia em que dis-
 cutisse e impuzesse a sua «ciencia»,
 entregam-lhe uma farda de «police-
 mana» e metem-no num grupo de
 comparsas! O nome Z obtecia si-
 lencioso e mecanico, como em su-
 nambulismo! Ao spanhar se livre
 correu ao hotel, fez as malas e re-
 gressou a Portugal.

Eie um episodio da vida do
 actor Z que é lnedito. Ele julgava-
 o guardado no segredo de sua al-
 ma... Mas, infelizmente nesse stu-
 dio estava o irmão do...

A. de T.



**Um
 «dollar-
 -king»**

Fatava-se da Rússia e da lite-
 ratura bolchevista numa meza pre-
 sidida por um dollar-king do Porto
 (velho ricoço e velhaco, arbitro da
 industria graças a toda a casta de
 manobras durante a guerra) e va-
 rios pseudos intelectuais que tem
 a missão de o adularem e de o di-
 vertirem, como bobos, a tantas re-
 feições por mez. O ricoço ouviu em
 silencio, a polemica, subido atalhou
 a com esta pergunta:

—Que lingua se fala na Rússia?
 E o alemão, não é verdade, ou é
 mesmo o «russio»?

F. G.



As

«Pechinchas»

Está agora em moda em certo
 comercio, como defeza contra a cri-
 se, o sistema das prestações sema-
 nais e bonus. Era uma formula in-
 teressante para os que querendo
 comprar, luctam com dificuldades
 monetarias e para os que querendo
 vender, luctam com falta de com-
 pradores. Mas como sucede sempre
 no nosso paiz, as boas iniciativas
 são aleijadas, mal crescem, por cau-
 sa dos desnestos. Muitas casas
 cumprem rigorosamente os seus de-
 veres: outras armam ciladas dentro
 da lei; outras... nem com a lega-
 lidade se preocupam. É um assunto
 que merece reportagem especial,
 uma reportagem em bom tecido in-
 glez...



**Radio
 Mundano**

Olhos negros pestanudos, á
 «la Goya»; bandós-tinta-da-China,
 á espanhola; elegancia de baule-
 vard; infallivel no Tivoli; o irmão

Uma chavena de café

... é um prazer delicioso e até higienico—depois das
 refeições—mas é preciso que seja café. E... café,
 café; café de toda a confiança, com mais de um secu-
 lo de honradas e gloriosas tradições—só na casa
 Cristina, Rua Sá da Bandeira, 401—Porto.



qual foi o momento mais emocionante da sua vida?

O assassinato de Carlos da Maia de Rocha Martins A TRAGEDIA DE BARCELONA de Reporter X

«Qual foi o momento mais emocionante da sua vida?» Esta pergunta que Reporter X dirigiu a várias pessoas de categorias sociais diversas, de profissões diversas, de profissões diferentes e mentalidades opostas, obteve um resultado inesperado, com aspectos de ineditismo interessantes, que teem o condão de pôr os nossos leitores em contacto com a vida sentimental dos nossos entrevistados. Os episódios que estes nos revelaram, e que nós, um pouco indiscretos, colocamos sob o luminoso foco da publicidade, são capítulos soltos da grande novela que é, em regra, a vida emocional de cada um, a vida de todos nós, que somos forçados a escrevê-la com a tinta amarga da nossa dor, com os vibrações do nosso espirito, as pulsações do nosso coração, as lágrimas dos nossos olhos e até, por vezes, com o ridículo dos nossos actos que, por serem ridículos, não deixam entretanto de ser no fundo extraordinariamente humanos e trágicos.—Mario Domingues.

—Qual foi o momento mais emocionante da sua vida?

Esta pergunta feita inesperadamente a Rocha Martins, a meio de uma conversa descuidada, deixou o ilustre escritor e jornalista um pouco hesitante. A expressão do seu rosto passou de sorridente a sério e, através dessa seriedade, nós tivemos a impressão de que os nossos olhos seguiam o seu pensamento correndo veloz pela sua grande alma de lutador, plena de episódios emocionantes, de scenas dramáticas—que tantas há na sua vida—de quadros tristes, soturnos, alguns deles manchados de sangue. Rocha Martins tem visto muito durante a sua vida jornalística e política intensa.

—Excluindo a morte de minha Mãe—disse o autor de «D. Carlos»—o momento mais emocionante, que mais me tivesse chocado, hesito em escolher para lho contar porque por muitos tenho passado.

Concentrou-se um instante. E quasi de súbito, as palavras brotando-lhe dos lábios arretadamente, Rocha Martins exclamou:

—A scena que mais me chocou em toda a minha vida foi a do assassinato de Carlos da Maia, pelo 19 de Outubro. Causou-me uma impressão tão profunda, e a intima desorientação tão grande, que difficilmente as sei exprimir pela palavra. Foi como se tivesse desabado qu-lquer coisa dentro de mim!... O Julio, um empregado da Imprensa Nacional, já falecido, coitado, que morava perto de minha casa, é que me deu a novidade. Bateu-me à porta e trouxe-me a noticia da morte do Grãnj, do Machado Santos, de tantos amigos e do Maia. O nome deste, porém, citado entre tantos outros nomes que tentei impressionar-me, deixou-me assombrado. Eu era amigo de infância de Carlos da Maia; brincamos aos soldados amigos, na nossa menlute. Eramos como dois irmãos.

A evocação do amigo transformava o rosto do escritor, que uma névoa de tristeza ensombriava. Não tivemos coragem de interromper aquela emoção sincera. Deixamo-lo expandir-se à vontade, respeitando a sua dor.

—Eramos muito amigos. Quatro dias antes da sua morte estivera ele no meu escritório, no «A. B. C.». Ainda o estou vendo... Foi-me pedir para publicar o retrato e uma noticia amável sobre o dr. Sacadura, o médico parteiro que lhe salvara a esposa e um filhinho pequeno. «Vai amanhã mais o João Tamagnini a minha casa tomar chá para veres o rapaz», pediu-me elle. Não fomos, nem eu nem o Tamagnini, porque não demoramos ambos ao jantar e fez-se tarde. Iríamos para outra vez. Mal pensava eu que essa outra vez era para vê-lo sem vida, estendido no caixão, morto traçoavelmente.

Após uma ligeira pausa, Rocha Martins, a dura face contraída como mascara modelada em bronze, conversou em velada voz:

—Foi esse o momento mais emocionante da minha vida.

«Eu nem sei como voei—aquilo foi voar, com certeza—até sua casa. Há lacunas na minha memória sobre esse instante doloroso. Recordo perfeitamente certas frases, certos pequenos episódios, outros apagaram-se, esvaíram-se como se não os tivesse visto nem ouvido. Lembro-me de que, de repente, estava junto do caixão. Alguem, que não sei quem foi, colocou-me nos braços o pequenito, o filho desse inolvidavel amigo. A creança chorava e eu chorava com ella... D. Berta, a mãe do pequenito, presa de um extraordinário nervosismo, chorava, indigna da comigo, como se eu fosse reu de um crime imperdoavel: «Ai tem a creança!... Veja-a agora, já que não quiz vir vê-la enquanto o pai foi vivo!» E eu sentia um remorso intimo enorme, ante aquele ca-

daver mutilado, como se a minha falta ao convit daquela noite, fosse uma monstruosidade! Sce na horrivel De súbito, entro Manuel Maria Coelho. D. Berta increpou-o com violência. Angustiado, Coelho voltou-se para mim, em voz de lástima, e disse-me: «Rocha Martins, isto é horrivel! Você vem sabe que eu não tenho culpa! Não se como me tiraram a criança dos braços. Arraste o coronel Coelho para a rua. Cá fora, Cunha Leal o peçoço entrapado, exclamou, ao vê-m-naquela companhia: «Ainda acompanhas com esse homem!» Foram horribéis aquelas scenas, ca da uma obedecendo a um sentimento diverso um nervosismo estranho impulsionando os nossos actos. E a visão persistente do cadaver do amigo ante os meus olhos...

«Meus amigos, foi esse entre tantos, o momento mais feliz da minha vida»

Rocha Martins mergulhou em um profundo silencio e o olhar benigno, fixo naqueles quadros trágicos para sempre gravados na sua alma.

Mario Domingues

Uma pagina de Memorias do Reporter X.



—«Estabeleceu-se então um "corp à corp" entre os dois—mas tão estético...»

São tres horas da manhã. Sai amanhã o «Reporter X», o jornal que foi, sem duvida nenhuma, um choque electrico, um choque de estranhas e modernas emoções para o nosso publico leitor. Na nossa sala de redacção vive-se uma hora febril, uma hora de expresso vertiginoso, uma hora a correr, a fugir sobre os «rails», dos linguados. Os estranhos, as visitas amigas e os eternos sapos das redações, que nos enxameiam a sala, pululam em torno das mezas. Trabalhamos sob uma tempestade de vozes. Ah, discute-se cinema americano falando e afirma-se, num despreendimento com sabor a «blague», que a Clara Bow é muda...; mais ali, entre nuvens de fumo dos cigarros, discute-se o ultimo livro de Antonio Ferro; mais alem, uma poetisa, velha, sem talento e com uma vaidade



A mãe — Meu Deus, de onde viram as roupas?
Os meados — A mãe, nem mamãe! — «Enco-tramo-las» na
gruta sobre umis rochas.

O Risco Internacional



— Quanto é o aluguer deste quarto?
— Cento e cincoenta escudos...
— Incluindo o gosto de luz?
— O gasto de luz electrica paga-se aparte; a luz do dia es-
tá incluída no preço da renda.

Não se dar conta



— Moço: este prato está húmido
— E' a sua sôpa...

sem limite e sem vergonha pedia a um nosso cam-rada que abra uma secção poetica no nosso jornal, e lhe publique um soneto. Pobresthal é tão velha, tão velhinha, que desconhece que vivemos no século da vertigem, no século da prosa! Neste instante Reinaldo Ferreira, o «Reporter X», acerca-m: e diz:

— Quero mais uma pagina tua para este numero do jornal.— Mira, ofegante, o relógio, e continua:— Pedala a tua imaginação. Descobre, escreve... Dentro de dez minutos, quero que me dez o artigo para essa pagina.

Ouçõ, surpreendido e deslumbrado, este homem vertigem, este mestre do jornalismo dos nossos dias, da reportagem apressado, emotiva, moderna, que descobriu o segredo de vencer o tempo com a quantidade dos seus artigos, e interrogo-me sobre a sua ordem.

— Qual foi o momento mais emocionante da tua vida?

Reinaldo olha-me com um sorriso inteligente. Compreendeu a armadilha... Dez minutos dão-se, certamente, a um orador para fazer um discurso que possa ser emoldurado numa pagina, mas não para escrever um artigo que caiba no mesmo caixilho... A frase que o nosso jornal está dirigindo aos grandes homens, tomo-a eu para lh'a desfechar.

Qual foi o momento mais emocionante da tua vida?—repto-lhe, enquanto ele me fita com os seus olhos cheios de profundidade e de alegria. Vê lá!... Responde de depressa... Deste-me a migalha de dez minutos... Se eu chegar atrasado, não to podes queixar de mim...

Reinaldo, que se voltou para dentro de si proprio, á procura da resposta que tem de me dar, responde, de um jacto, á minha interrogação:

— Os capitulos de emoção da minha vida íntima, tão exagerada pela fatalidade cento pelos meus proprios nervos, só pertecem ás minhas desilusões, á minha dôr e á minha Academia a alma! Da minha vida profissional, recorde um esquisito episódio. É a mais paradoxal das desilusões.

«Ouve, meu caro Guedes de Amorim, meu irmão desta estrada difícil que é o jornalismo: Era a primeira vez que eu estava em Barcelona—a cidade mais cosmopolita e mais folhetinesca da Europa. Era na epoca da espionagem, da alta escroquerie, da orgia sem fim e sem tregua. Viviam 300 «cabarets» e os «travias» circulavam toda a noite. Os burguezes mais pacatos eram dominados pelo ambiente... De quarto em quarto de hora estalava um petardo, gritava uma pistola, cometia-se um crime... Policias, anarquistas, cordões de espionagem, assassinos, confundiam-se. Depois, rodava, tentador, o ouro, florescia o amor, esta'ava o «champagne», vibravam as orquestras, rodavam os pares e as fichas dos «croupiers». Chegou, finalmente, a pagina de grande emoção da minha vida. No meu hotel, estava uma mulher «vamp», mulher cartaz, mulher romance que se fixou, demoradamente, no meu olhar dos vinte anos... Um rapaz suspeito, fatalista, moreno, com melenas empastadas e patilhas de cigano, «smoking» que vinha às vezes ao jantar. Quando ele chegava ela não me dava um unico olhar; e, eu julguei ver afivelar-se a mascara do terror quando ele, certo dia, surpreendeu a confidencia de dois meus olhos... O quarto dela abria para o pateo interior. A janela do meu quarto dava para esse pateo...

Reinaldo, que está a falar com retalhos de alma, da memória, suspende, por instante o seu monologo, acende o seu caracteristico, cachimbo e, a seguir, continua:

— Uma noite, escutei lhes uma discussão melodramatica, mas quasi incompreensivel para mim. Ela, ao principio, contestava-lhe nu' arremetida de desespero; depois vieram as lágrimas, essas lágrimas que fazem da mulher uma santa... Supuz... Era por mim que ela chorava! E era por mim que ele a torturava!... E, os meus vinte anos atingiram nessa hora a maior emoção, emoção mixta de vaidade, de sonho transformado em realidade, de glória literaria escrita no folhetim da

vida... A scena continuava num desenrolar tragico. Eu vi... Ela teve um gesto brusco; desapareceu e respondeu... Eis, então, que nos seus dedos afuseiados surge uma pequenina pistola. Ele, avança, rapido, dominador, e entre os dois, troca-se um corps a corps tão estético, tão plastico, como se fosse uma scena maravilhosa para um filme... Setin-me escravo do dever... Se era eu o causador daquela scena—devia compartilhar dela. Corri pelos corredores. Bati, murros estrepitosos, até a porta abrir a sua boca... Quiz repetir a frase napoleonica que estudara... Mas ao ver a calma deles e... ao ver, sobretudo, um terceiro personagem que empunhava num manuscrito—uma segunda e grande emoção se me apoderou da alma... Eram artistas duma «troupe» polaca que estava no El Dorado e ensaiavam um dramalhão do seu repertorio, com a chefia do ensaiador... E, desde essa noite, nunca mais acreditei em mulheres «vamps»...

— Estás satisfeito?—diz-me, sorridente, Reinaldo, quando remata as ultimas silabas da confissão do momento mais emocionante da sua vida. Sim; estou satisfeito. Olho, agora o meu relógio. Passaram só nove minutos... Estou dentro do horario... E, tu, leitor, que, amanhã, vais ler este jornal que é feito por semeadores de sonhos, estás, tambem, satisfeito? Sabes bem, quem é o homem que me deu um retalho folhetinesco da sua vida? Se um dia ouvires falar de Geo London, o maior reporter francès, o homem que é considerado o maior reporter do universo, não entristeças por não teres em Portugal um jornalista para lhe opores. E sabes porquê? Porque Reinaldo Ferreira, o teu Reporter X, que está ali na minha frente escrevendo e fumando, está primeiro do que de Geo London. Fica sabendo que tens em Portugal o primeiro reporter do mundo! Passou um minnto mais. Terminou o prazo que me concedeu o meu director. Ponto final.

SURPREZAS E IRREVERENCIAS DA GRAFOLOGIA

O Dr. Hermann Macister, o pontífice desassembra-
do da Grafologia continua as suas im-
piedosas revelações sobre portugueses



O QUE O MAGO DA GROFOLOGIA DIZ DOS AUTOGRAFOS, DE UMA ESCRITORA
ILUSTRE, DUM CIRTRGIÃO CELEBRE, DUM JORNALISTA E DUM POLITICO

As revelações grafologicas, publicadas no nosso primeiro numero—prodigio de videncia devida ao pontífice da grafologia, o dr. Hermann Macister, de Leipzig,—produziram uma natural e profunda sensação. Intrigaram uns, pasmaram outros. Como são numerosos os autografos que sujeitamos á desassembraada análise do sábio grafologista apenas podemos oferecer aos leitores uma pequena série em cada artigo.

UMA LITERATA PERVERSA E CRUEL

N.º 4—Uma senhora frequentadora da melhor sociedade lisboeta, celebre pelas suas excentricidades—quasi tanto como pelo seu talento de escritora. As suas crónicas assinadas com um meigo pseudonimo tiveram certa aureola.

«Espírito de invulgar brilho, e alma de invulgares dotes de

maldade. A autora deste auto-grafo tem da moral e da sociedade uma noção que causaria pasmo aos próprios «bolchevistas»—embora seja convicta e paradoxalmente uma conservadora. A sua moralidade não é fruto de raciocinio, mas sim duma morbidez nata. Pouco se preocupa com as convenções sociais; mas se não fosse esse pouco, era capaz de cometer as maiores perversidades, maiores do que comete. Vaidade exagerada. Nunca estimou, nem estima nem estimará pessoa alguma. Nitidamente egoista e cruel.

UM «PACHECO» DO JORNALISMO

5.º Um empresario de jornalista de categoria teórica e não real; empresario de jornalismo classificado como sumidade, graças ao arsenal de tradições de que dispõe; mais comerciante do que intelectual. Não é de Lisboa, mas a sua influencia reflete-se em todo o paiz.

«Auto-burla intelectual. Narciso de um génio que não possui nem em minima dose. Vaidade enorme. Ao escrever precipita-se numa velocidade pomposa devido á convicção de que o seu cérebro é uma fonte inesgotavel de ouro liquido. Aperta violentamente a caneta entre os dedos com a intensão subconsciousiente de deixar bem claros, nitidos e gravados os ca-

ractères para que as gerações futuras não fiquem privadas da sua centemplanção.

Orgulho e vaidade inocentes, de preto selvagem com uniforme de almirante ou casaca de gentleman. Só será maldoso para quem duvidar do seu talento.

OS REMORSOS DUM CIRURGIÃO

6.º—Um médico lisboeta, glória da cirurgia, dentro e fóra do paiz, com bastantes inimigos dentro da classe.

Hipertrofia mental consequente do excesso de especialisação; fraco intellectualmente em tudo quanto não seja a sciencia a que se dedica. Deve ser mathematico, investigador historico ou médico. Vive temendo que o ultrapassem. Sensual, materialista e egoista. Não crê na dor alheia que o deixa indiferente mesmo quando é ele quem a provoca. Temor, constante que lhe descubram um segredo, íntimo, talvez vicio ou tara oculta; talvez alguma falta impune. Mas seja falta ou vicio ou tara, grave deve ser, pela preocupação em que o traz.

Ao escrever é assaltado por uma tortura que transforma por completo o desenho normal de sua caligrafia.

Tambem pôde ser uma doença fisica com frequentes crises dolorosas, mas inclino-me mais para uma doença moral.

De todas as formas o egoismo deste homem quebra-se ante uma excepção... Um grande amor ou uma grande amizade existe na sua vida e ante esse ser, ele torna-se bondoso e de fácil generosidade.

UM POLITICO HISTRIONICO

7.º—Um velho politico muito vivo e muito velho. Célebre pelas suas habilidades. Mente com doçura e sorri continuamente, com suavidade. Barbas e bigodes brancos. Eis o que o dr. Macister escreve a seu respeito.

«Inteligencia indiscutivel e tèmpera enérgica como tenho visto poucas. Calculo que a sua profissão deve ser o teatro—como autor, empresario ou actor. Inclina-se mais para esta ultima hipotese. O seu auto-grafo confunde-se com os do actor Sancha Guitri e com os de «Von Helden. De todas as formas, extraordinarias faculdades e grande pratica na sciencia histriónica.

DR. HERMANN MACISTER

Ler no próximo numero! Um actor de génio.—Um ex-ministro.—Um advogado de renome, etc.



«...o reflexo dessa tara, remorso ou dor física, marca-se no seu auto-grafo, nitidamente...»

Ler no proximo numero: «Dramas

Sombrios e ignorados da Alta Soledade Portuguesa—reportagem semanal á vida mundana, aristocratica e da alta bruguezia pelo «PEPORTER X».

—Qual o momento mais emocionante da sua vida?

por Mario Dominges e Guedes de Amorim. Reportagens curiosissimas de Victoriano Braga e José Casimiro

—Os que vivem da morte.—reportagem sob os «gatos pingados»,—por Guedes de Amorim, etc. etc. etc.



«Perversa... muito perversa...»

Sabe-se de cór que a Alemanha organiza a mais formidável teia de espionagem de que ha memoria. E a espionagem tem tradições difíceis de suplantar. Os egipcios teciam as celeberrimas redes dos "sibirron" (diminutivo de vespa) p lavra que segregou o moderado "esbirro". Weizz, na "Historia dos Farós" fala-nos desses "chercheurs" de secrets", seleccionados entre os melhores soldados, andrajando-se e mutilando-se sacrificadamente para poderem acercar-se, dos exercitos adversarios e espiolos em proveito da Patria. A Grecia glorificou, entre muitos, um dos seus espias, Duomesculos, porque —escreveram no seu elogio postume— reunia a bravura dum guerrilheiro, a eloquencia de um orador, a chama de um artista, o genio de um escritor; porque —acrescentaram— era pagão no amor carnal á sua Atenas e sacrificou-se como um santo, crente na eternidade da alma.

Mas, pelos seculos fóra, até á Alemanha de 1914-1918 —nenhum palz como este soube escutar, espreitar, bisbilhotar e prescurar, os segredos mais opacos, prevenir-se —espionar, em suma... A França conquistou o mundo, ensinuando-se a sua espionagem limitada-se ás almas alheias; o seu sorriso é o seu maior espíao; a sua diplomacia é a sua grande espionagem espiritual — confiou o Barão Heintz, secretario Geral do Ministerio dos Extrangeiros austriaco, quando a America desventrou a sua neutralidade. «A Inglaterra

sabe Intrigar, complicar, dividir as forças dos adversarios mais unidos —é uma espionagem sombria, de mascara e de veneno.» — afirma um Inglez Edgar Wallace. «A America compra, compra tudo; o seu dolar é um cilindro de ouro que estica, esmaga, engoma, alisa as consciencias mais esfericas e graniticas — é a espionagem do suborno, grosseira, nova-rica, sem espirito, sem tecnica — escreve o proprio Erick Phillips no livro que deu pretexto a esta reportagem. A Alemanha faz da espionagem uma sciencia, do espia um artista, da sua organização conjunta uma maquina de precisão.

Tudo isto é um logar-comum. Mas existe um ponto que tem intrigado muita gente: "Se a Alemanha enfiou todo o globo terrestre no laço da sua terrível espionagem; Portugal, uma das pedras do seu xadrez, seu adversario activo, aliado do maior dos seus adversarios, dizamo de mil energias importantes — não podia ter sido uma excepção a essa regra. Forçosa, imperiosa, indiscutivelmente a espionagem alemã devia ter trabalhado no nosso palz; devia ter recrutado os seus agentes, e estes heroicados as classicas façanhas... E sendo assim, e tendo os aliados montado em Lisboa os mais vastos comissariados de contra espionagem (só os americanos tinham duas sedes, uma na Rua do Alecim, chefiada por um general, e outra no Rocio, esquina Arco de Bandeira, comandada por um almirante, e ambas tecendo numerosas brigadas de de-

OS 5 ESPIAS PORTUGUESES que se venderam á Alemanha durante a guerra

Erick Phillips, o organisador da espionagem alemã em Portugal faz revelações sensacionais

A informação alemã, antes da guerra. — O papel das «fraulleins» — O episodio do ministro, da amante e do fraque manchado. — A' busca de traidores. — Quanto ganhavam os espias. — A actriz dos olhos de Carmen. — A joia do Lory. — O homem das muletas. — A espanhola. — O assalto á quinta minhota. — Os negocios. — O jornalista que não chegou a ser raptado. — Quem eram os traidores

lectivos de varias nacionalidades) como se explicava uma tão completa ignorancia sobre o que se passou entre nós, neste capitulo de espionagem? Como se explicava que se desconhecesse ainda hoje a organização alemã no nosso palz, as suas proezas mais vivas e caracteristicas, os nomes dos traidores, arrebanhados a soldo do kaiser? Como se explicava sobre tudo, que tendo todos os paizes beligerantes revelado já, em livros sensacionais, os seus segredos de espionagem; que tendo a propria Alemanha confidenciado ao mundo os seus folhetins vividos na França, na Holanda, na Inglaterra, na Suissa, no Brazil (até sobre o Brazil escreveram o «Vanderer von Rio» onde desmascaram dois politicos subornados pela sua embaixada para a bem informarem das resoluções intimas do governo) e nunca se tivesse referido a Portugal senão accidentalmente?

Há muito que eu vigiava de perto essa literatura de «post-guerre», esses livros de penitencia e de revelação:

Apesar de todas as difficuldades dessa vigilancia — já por mais duma vez conseguí pinçar pelos cabelos em obras que holofoteavam outros paizes, informações preciosas sobre o nosso... Até que, ha um mez, li anunciado na secção literaria do «Tempo» de Berlim, o livro que Erick Phillips estava preparando e que, segundo o noticiario devia ecoar estrondosamente não só na Alemanha como até nos paizes mais afastados da Europa. Pox-me em guarda. Escrevi, a marcar logar na bicha, á casa Ullestein-Kochstrasse 26. E quando há dia desencartuhei o volume e os meus olhos galoparam, ansiosos, pela capa, arfei de contentamento... Lá estava o que eu esperava... O livro referia-se a Portugal; — ia desmascarar Portugal...

exigia da primeira agentes especializados, espias militares, para estes agirem, sob o seu mando, missões de caracter militar...

Erick Phillips era um commissario civil, um alto funcionario da pilotagem dos espias á paisana. E como na Alemanha tudo se move sob a inspiração da engenharia, com rodas dentadas e correias elasticas — Erick Phillips tinha uma especialização: qual? Ela traduzida textualmente dos dizeres que lindiparam sob a sua assinatura: «Ex director da organização dos serviços informativos das secções V., R., D. e L. do Departamento Geral do Commissariado Civil da Guerra» — Esta é a tradução textual. Vamos ao seu significado: ao niuido, ao alcance de toda gente: «Director passado, presente e futuro da montagem do serviço de espias nos Estados Unidos, em Espanha, em Inglaterra e em Portugal, do Departamento Geral do Commissariado Civil de Espionagem». No referente aos Estados Unidos e outros paizes indicados não era ele o unico piloto. Nos Estados Unidos, por exemplo, colaboraram com Phillips mais cinco commissarios civis e trez militares. Mas sobre Portugal era ele o dinamico unico de onde irradiava toda a manobra — toda essa admiravel manobra tão silenciosa, tão sombria, tão tófa, que tendo por vezes provocado tragedias de sangue — ninguém a escutou, ninguém a viu, ninguém deu por ela...

D'ahi o meu alarme ao saber que Erick Phillips ia publicar um livro de memorias.

MEMORIAS DO CHEFE DA ESPIONAGEM ALEMã EM PORTUGAL

O livro é rotulado pelas seguintes palavras: «Das Verftchmund Ene Bits», e foi publicado primeiro em folhetins num semanario. Ninguem deu por isso nem eu — que tão atento estava. O titulo evocou um epl-ólio de Ilusionismo pratico do pelo proprio autor na «White House», de Washington — e não tem portanto lig ção com Portugal. Na capa vem o simbolismo do texto desenhado num olho gigantesco estreado de r-las gross e finas. Enbixo «Berlin», em caracteres garrafes; e em cima o nome de quatro capitães: London, New-York, Madrid, e... «Lissabon». São 300 paginas a transbordar... Ao nosso palz dedica sete capitulos. É possivel reproduzil-os na Inter-

Vamos apenas recort r os episódios principais...

ANTES DA GUERRA

Diz Erick Phillips, no inicio das suas referencias a Portugal: «Quando em 1912 tomei conta da secção «L», a informação sobre este palz era-nos apenas fornecido pelo addo de comercio T. R. que fóra inspector policial em Leipzig e que não pertencia nem á carreira diplomatica nem ao nosso Departamento Geral. Era um extra. As suas comunicações dividiam se em politicas, militares, colonias e economicas. Todas as despesas estavam então orçamentadas em cinco mil marcos. A nossa patria (deles alemães) não sendo sovina nestes assuntos nunca gostou de esbajur e Portugal não nos merecia interesse para uma verba superior.

Dos agentes que nessa época se recrutavam nenhum era portuguez; 80 por cento eram alemães; e desses mais de metade pertenciam ao sexo feminino. Essas herolcas «fraulleins», que emigram e que longe da Alemanha, ganham o pão como professoras e damas de companhia prestaram sempre preciosos serviços, sacrificando muitas vezes os seus interesses e arriscando-se a tudo para bem da patria. Disciplinadas, atentas, inteligentes, elas não despresam uma palavra ou um pretexto, que possa ser util aos seus chefes. Uma dessas raparigas, Elder Klotz, que foi fusllada durante a guerra pelos francezes quando atingira a categoria de agente de primeira classe, conseguiu, com uma antecedencia de 18 dias informar Berlim sobre as decições do governo portuguez quando foi da primeira expedição, ás colonias.

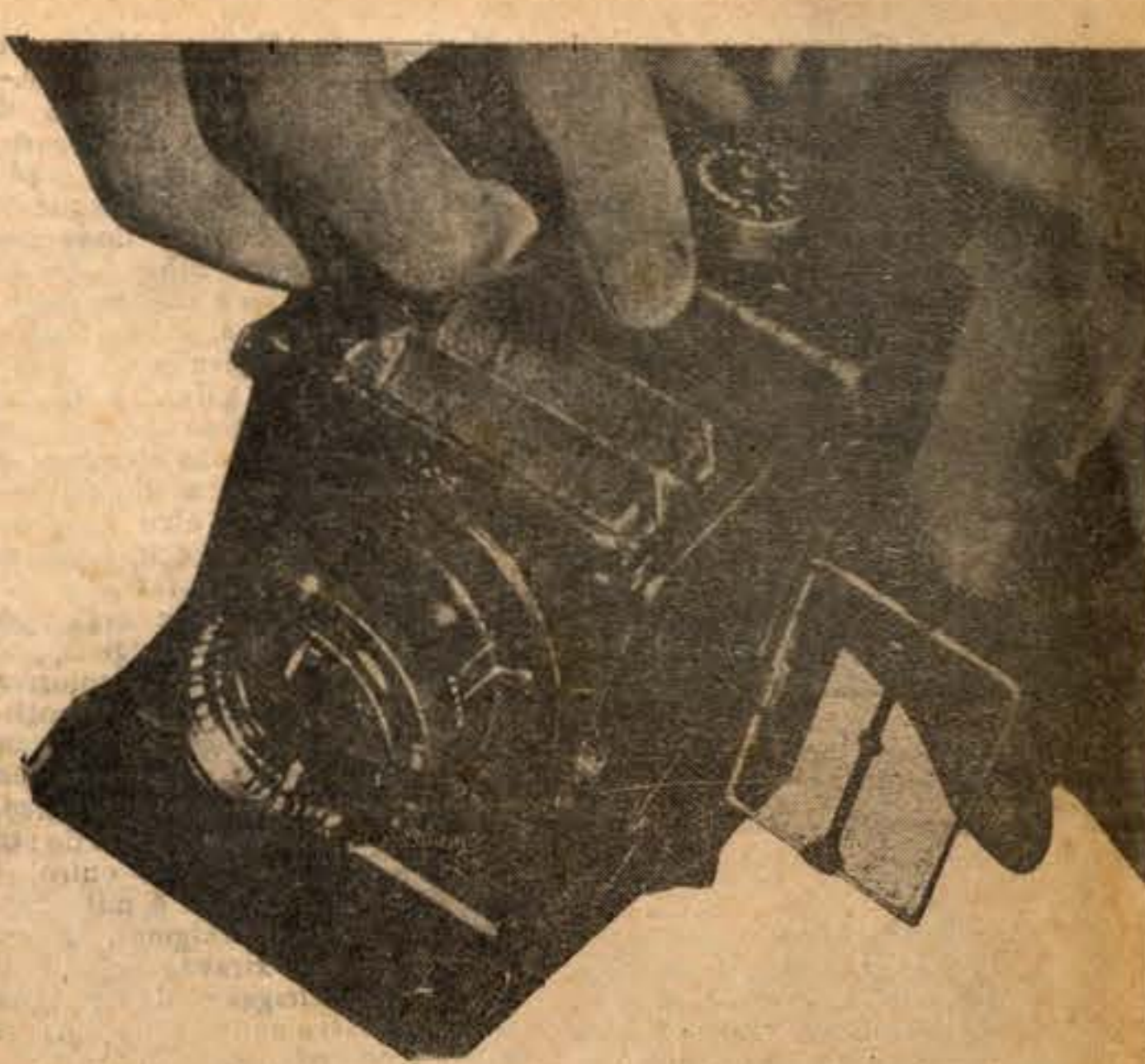
Por iniciativa sua introduziu-se em casa da amante de um ministro, como professora de uma filha de seis anos. Durante uma das visitas do ministro descobriu uma nodosa no fraque do patrão e apressou-se a limpala; e afastando-se da sala, vasculhou com uma agilidade prodigiosa os bolsos e encontrou o que queria. O governo soube que a legação obtivera essas informações e acusou o citado ministro de imprudencia; este por sua vez, que só revelara esse segredo á amante, rompeu com ela, convencido que o trairia; e ela que de facto o traira rompeu com o segundo amante convencido que fóra ele quem não soubera guardar a confidencia escutada ao primeiro e a ele transmitida, sob o maior sigillo...

Trez semanas antes da guerra parti para Portugal, depois de uma curta estadia em Madrid, hospedando-me no Avenida Palace como caixeiro viajante. Tive varias entrevistas com T. R. em casa de um membro da colonia alemã, comerciante em destaque. Não me convinha revelar a minha missão official que era de organizar rapidamente um serviço de informação a sério, prevenendo a guerra e a intervenção de Portugal.

Anunciei-lhe que seria substituido por um naturalizado que sem ir á legação chefiaria toda a brigada. Censurei-o por não ter recrutado nunca um «portuguez»... Respondeu-me que Portugal era dos paizes mais difíceis para se recrutar traidores... Sorri e demorei-me quinze dias; e ao partir de novo para Madrid, já com as nossas tropas na Belgica, deixava em Lisboa um portuguez que foi dos elementos mais dedicados e uteis á Alemanha nesse paiz, até 1918. Infelizmente custou aos nossos cofres mais caro que todos os outros...

OS PORTUGUESES QUE TRAI RAM PORTUGAL

«Quando Portugal entrou em guerra havia, recrutados e residentes, quinze espias, que por sua vez aliciavam outros agentes e informadores, para serviços accidentaes. E' Phillips quem o diz no seu livro. E acrescenta:» Por duas vezes se adeou a ruptura de relações por não termos confiança absoluta no corpo de espionagem organizado nesse paiz. A segunda vez fomos ameaçados por uma traição. Dos quinze agentes, como já disse, cinco eram portuguezes, e desses cinco a um entregamos toda a chefia dos serviços informativos por se tratar de um individuo extraordinariamente dedicado, fiel, inteligente, activo e ao mesmo tempo destemido e prudente. Tinha-nos sido indicado um advogado de certo nome, germano-filo e casado com uma senhora alsaciana. Exigiu-nos avultadas somas de dinheiro — e nós cedemos porque, dada a sua situação social, podia ser-nos de



grande utilidade. Uma noite, estava eu no Avenida Palace quando o agente A. me pediu para ir ter com ele rapidamente ao café da Brazileira do Chiado, centro de jornalistas; e que sem lhe falar o seguisse. Ao chegar ao café vi não só o nosso agente A. como o tal advogado que não nos conhecia visto que todas as demarches tinham sido feitas por uma senhora da colonia alemã, casada com um portuguez. Quando o advogado saiu, o A. foi na piugada e eu atraz dos dois. Dirigiu-se ele a uma casa da Rua da Prata onde vivia um oficial portuguez pertencente á policia inter-aliada. Estavam provadas certas suspeitas. Para evitar um fracasso, adiamos a partida dos nossos diplomatas e no dia seguinte faziamos com que uma senhora, amante desse advogado, partisse para Madrid sem o avisar — ao mesmo tempo que ele recebia denuncia que a amante fugira com um rival. E assim o conseguimos afastar de Lisboa onde a sua presença nos era funesta. Este traidor esteve depois preso em França por es-croquerie e vive actualmente no Brasil.

Phillips mostra-se muito satisfeito com o trabalho e «honradez», (?) dos cinco portuguezes que permaneceram durante toda a guerra ao serviço da Alemanha. Escreve o autor do livro: «Confiamos a cada um deles uma zona do paiz; sinteticamente, cada um deles tinha uma vogal, a designal-o — o agente A. e o B. eram os dois mais graduados e residiam respectivamente em Lisboa e Por-

to. Os ordenados variavam entre cinco e dois contos mensaes; mas o que eles disputavam eram os premios e os negocios que nós lhes proporcionavamos. Pagamos ao agente A. por ter conseguido criar uma seria difficuldade internacional ao governo portuguez vinte mil marcos e o agente B. só numa transação comercial duplicou a sua fortuna.» Phillips tem pelo agente B. uma especial admiração porque — declara — nunca quiz receber o ordenado fixado... Puderam! Os negocios chegavam de sobra para recom-pensar a sua pulhice...

A ACTRIZ COM OLHOS DE CARMEN

São numerosos os episodios que nos narra — mas este que vou reproduzir tem um especial interesse. Em 1917 os agentes traidores a Portugal receberam ordem para intensificarem a informação maritima. O agente que residia em Faro veio a Lisboa para conjurar com o chefe — e para que o encontrassem nas vistas combinaram visitar á mesma hora o camarim de uma celebre artista de revista que Phillips descreve assim: «... a sua celebridade baseia-se sobretudo nos seus encantos fisicos, bem latinos — os olhos principalmente, autenticos olho de Carmen...». Essa actriz erintima de ambos, mas eles deixaram que ela os apresentasse como dois desconhecidos.

(Conclue na pag. 14)



Das verschwindene Bild
Von
Erick Phillips

'Fac-simile' da capa do livro de memorias de Erick Phillips, o organisador da espionagem em Portugal — Obra recém-publicada que causou enorme exito de escandalos



Página de Paris



A revolução na moda dos presentes Quem recebe e quem escolhe -- A psicologia de quem oferece A anedotá de Tristan Bernard -- A estatueta misteriosa!

Nenhuma moda de Paris, nenhum decreto dos *boulevards* foi mais rapidamente acolhido e com maior simpatia, como este do «novo sistema de presentes» inaugurado por Miss Edith Terby, filha do embaixador inglês, noiva dum diplomata americano. E' uma revolução completa no protocolo mundial das corbeilhes das noivas e será imitada por todos os paizes. A inspiração dessa moda veio das lamentações da irmã de Miss Edith que se casara um ano antes.— «Calculem vocês—lamentava-se ela—que tive doze fogões de cozinha, vinte serviços de chá, todos «China, século XII»; dez esmaltes persas eguaes; vinte e três candieiros de quarto; quarenta guarda-joias; treze mobílias de sala e em compensação nem um serviço de cozinha, nem um tapete, nem um relógio de sala de jantar, nem um contador, em suma; não tive um só presente que cobrisse as lacunas do meu novo lar. Em compensação os nossos amigos multiplicaram os presentes do mesmo genero, parecendo que escolhiam só o que não me fazia falta»...

Para não lhe succeder o mesmo Miss Edith lançou a nova moda. Um mez antes do casamento fez, de colaboração com o noivo, uma lista completa dos objectos que necessitavam ou que teriam gosto em receber. E completada a lista, fel'a passar de mão em mão, por todos os amigos susceptiveis a oferecerem presentes, e cada um d'elles foi pondo á margem o seu nome e indicando assim que ele queria encarregar-se de regalar aquele objecto...

E é logico. Qual deve ser o maior interesse de quem oferece presentes senão o de acertar? E assim acerta infalivelmente. E' bom para quem recebe, que escusa de acumular objectos repetidos e inúteis; e é bom para quem presentela, que escusa de quebrar a cabeça na escolha.

**

Existe em França um comediografo de induscutivel valor—Tristan Bernard—«la barbe qui rit»—que, após terriveis consequências das numerosas festas artisticas que o obrigavam a presentear os festejados, resolveu o problema. Guardava muito bem guardados os presentes, que recebia; e

quando chegava a data de regalar os colegas e artistas ia ao armario, escolhia um dos presentes recebidos e enviava-o ao festejado como se acabasse de o adquirir na Rue de la Paix ou nos *boulevards*. Mas este *truc*, de apparencia salvadora, estava bem para quem não fosse um intellectual—sinonimo infalível de distrahido; e a distração de Tristan Bernard deitou tudo a perder.

Na noite da 300.ª representação da sua deliciosa comédia «Le Danseur Inconnu» Pierre Wolff presenteeu-o com uma admiravel estatueta de Carrara simbolizando num prodigio de ritmo, (obra de Carlos Monizi) a «Beleza» na sua maxima apoteose... A «Beleza», entre cento e tantos outros presentes de variado valor foi cuidadosamente arquivada no celebre armario—enquanto o contemplado assentava no seu livro de apontamentos mais cento e tantos

nomes correspondentes a mais cento e tantos presentes que ele tinha agora o dever de retribuir logo que se oferecesse oportunidade. Wolff estreia com exito retumbante a sua comédia *Le Ruisseau* que se grudou, longos mezes ao cartaz; e ao atingir a terceira centena de representações foi festejado, como é de protocolo. Tristan Bernard ao ter conhecimento da festa foi ver ao seu livro de notas se Pierre Wolff pertencia ao rol dos *obligatorios*; e como pertencia, dirigiu-se ao armario escolhendo um presente que embrulhou imediatamente em papel novo e com fitas novas, pregando-lhe o seguinte bilhete: «E' uma obra de Carlo Monizi; digna do teu fino gosto de artista; acabo de a adquirir pessoalmente no *atelier* do celebre escultor para que te lembres de mim nesta tua noite de justa gloria.»

Calculem agora os senhores a cara de Pierre Wolff ao desencartuchar o embrulho e ao contemplar a estatueta de Carrara simbolizando a «Beleza» que ele offercera ao Tristan Bernard. um ano antes e que Tristan agora lhe impingia de ricochete, juntamente com a mentira de á ter comprado pessoalmente no *atelier* de Monizi!

Mas a anedota não termina aqui. Pierre Wolff contou o episodio, Tristan soube-o e consternado veio desculpar-se a Wolff que o acolheu sorridente e que lhe segredou: «Sorte tive eu, sendo tão distraido como tu, não ter caído numa *gaff* equal; porque essa estatueta «Beleza» de Monizi foi me oferecida na «premier» das «*Marionnettes*» pelo Henry Bataille; visiona tu que por um triz que não a reexpedia ao mesmo Bataille na noite da sua glorificação pela 100.ª da «*Vierge Folle*»; porque eu, meu caro Tristan, uso do mesmo sistema». Tristan achou espirito á confissão de Wolff, repetiu-a até chegar aos ouvidos de Bataille. Este solta uma gargalhada e exclama: «Mas o mais gracioso é que quem primeiro me ofereceu essa estatueta foi o proprio Tristan Bernard—quando foi a minha festa d'autor da «*Marche Nuptial*»!

E nunca se chegou a apurar quem foi que primeiro a adquiriu ao escultor Monizi!



Tristan Bernard, «La Barbe qui rit», o celebre comediografo que resolveu o «problema dos presentes»...

Uma reportagem sobre "Luna Park", da Miséria Portuense por Guedes de Amorim

II

Era o «Cine Mundial», que eu havia comprado ao começo da noite. Depois, a desconhecida levantou os olhos para mim, deixando que na sua fisionomia se espalhasse um sorriso irónico, um sorriso que me pareceu rejuvenesce-la...

Por fim, fui sentar-me ao fundo da sala. Escrava já cansado de interrogar o vestido, o rosto, as maneiras daquela mulher. Também não liguei importância alguma ao seu olhar e sorriso. Vamos! Conheço bem a extensão da curiosidade feminina.

Na sala continuava o nervosismo que eu havia verificado há momentos.

Entretive-me a conversar alguns minutos com um camarada que vinha desiludido com a sua pouca sorte à «roleta». Depois, só, afogado no cansaço duma placida poltrona, abri a revista que tinha debaixo do braço. Parece-me que li então algumas páginas, com muita atenção, ausente de tudo porque não dei sinal de que, na mesma poltrona, se tinha sentado uma pessoa. Em certo momento, quando voltava uma folha, os meus olhos surpreenderam-se, porém, notando que era a desconhecida quem estava ali, sentada, a meu lado.

—Quer oferecer-me um cigarro?—disse-me quando eu a fitava.

Abri a minha cigarreira e estendi-lha. Um gramo, muito solicitado, veio a correr acender-lhe o cilindro de tabaco que os seus lábios sangrentos seguravam.

—Gosta muito de cinema?—perguntou-me pois.

—É uma nova arte. Confesso, que me interessa.

Por estranho enigma de espirito, agora, que tinha aquela desconhecida a meu lado, já não a achava misteriosa, não tentava, nem com um gesto, inquirir da sua vida, do seu passado e presente.

—Aqui, sufoca-se—disse ela tirando o chapéu. Os meus olhos virão uma linda cabeça. Uma beleza revolta, negra, negra como uma flor dentro da noite, que dava ao seu rosto, apesar de enrugado uma expressão de bonança.

—Da-me licença de ver essa revista?—Depois de a ter nas suas mãos, continuou:—Ah! Eu tive uma grande paixão pelo cinema!—e a sua voz apaixonada se como murmurio de prece.

Ela folheava a revista. Eu perguntei-lhe:—Gostaria de ser atriz cinematográfica?

Ela gargalhou misteriosamente.

—Agora... Começo a aproximar-me da verdade... não, agora, não queria. De resto, o cinema de hoje é tão diferente daquele que eu...—Depois, interrogativa:—O sr. gosta dos filmes de hoje, a América exporta?

—Interessam-me. Por vezes, distraem-me.

Os filmes de aventuras valiam muito mais! O publico apaixonava-se, vibrava com os actores, a emoção era mais directa e mais fulminante.

—Eram ficções muito infantis.

A desconhecida desfechou-me então um olhar de espanto que queria dizer também rancor. Fiquei-me com remorsos de lhe ter declarado aquela opinião tão sincera. Ela, porém, nervosa, como se desejasse defender-se perguntou-me se tinha visto dois ou tres filmes de aventuras que haviam causado sucesso em todo o mundo. Eu tinha-os visto. Respondi-lhe afirmativamente.

—Então, diga-me, se esses filmes, porque os actores arriscavam nas difíceis interpretações muitas vezes a vida, não eram mais cheios de verdade, não atingiam a alma do espectador mais profundamente.

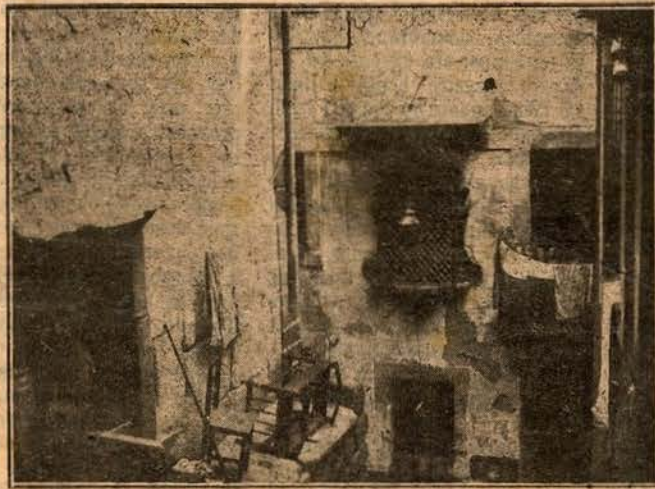


—O publico, contudo, sorria-se diante de certas scenas, sentia-se mystificado...

O rosto da desconhecida caminhava-se de revolta. Pressenti, claramente, que lhe havia desagradado ainda esta minha opinião. Ficou-me de novo com o seu olhar penetrante, e voltou a falar:

—Engana-se, meu caro senhor. Os filmes de aventuras não eram assim mystificações ridiculas. O publico adorava, sofria, chorava com os artistas. Eu tive, muitas vezes, a prova de que acabo de lhe declarar. Olhe... Certa noite, em New-York, exhibia-se um filme em que eu, numa scena emotiva, em luta com bandidos sanguinarios, era amordaçada e atirada para um subterraneo cheio de cobras e lobos. Eu vi eu vi com os meus olhos que todos os espectadores, galvanizados de terror, chora, am, vertiam lagrimas de dor suggestionadas por esta tragica scena.—E a desconhecida terminou, afogado o rosto nas mãos.

Eu julgava não ter ouvido bem... Ela dissera, «Certa noite, em New-York, exhibia-se um filme em que eu, numa scena vibrante...» Sim. E, na sua fisionomia, enquanto falava, havia um grande entusiasmo. Ah! Aquella desconhecida tinha sido, então, atriz cinematográfica!



Nunca, nos studios da America, ela trabalhara num "decor" tão miseravelmente fantastico como aquele em que vive hoje, no Barredo

Uma estrela de cinema eclipsada ha oito anos em Hollywood e que...

—É americana?—perguntei-lhe, quando levantou o rosto.

—Sou.

—Posso saber o seu nome?

—Al Impossivel!—disse-me ella numa voz de quem se arrepende de ter falado muito... Depois, continuou:—O meu nome denunciava-me... Basta que o meu rosto teime em mostrar-me...

A minha curiosidade tinha crescido vertiginosamente. Para que ella se rodeasse assim, de mysterio, era, certamente por que a celebridade que a cingia era enorme! Recordei, então, a sua frase sibilina: «Basta que o meu rosto teime em denunciar-me...» Então, dando importancia a essa sua frase, os meus olhos procuraram-lhe a fisionomia. A minha memoria auxiliava-me naquella difficil descoberta. Recordei as caras de todas as atrizes cinematograficas que viviam em apagadas imagens na minha retina. Nenhuma se parecia aquella desconhecida. E se eu tivesse sido vitima dum golpe de imaginação daquela mulher? Mas não podia ser. Ella tinha falado com tal sinceridade! De repente, enquanto lhe estudava o rosto, lembrei-me de Pearl White. Pus logo este nome de parte. A seguir, recordei outro... E se fosse ella? Esta desconhecida era um retrato em regra do nome que, agora, me bailava na boca...

—Sabe que a acho parecida, muito parecida, á grande actriz Mary Walcamp?

—Como?—respondeu-me, sobressaltada. Depois, escondeu a cabeça no chapéu, levantou-se. Estava inquietada. Era bem evidente que a tinha magoado aquelle nome...

—Boa noite?—e estendia-me a sua mão. Acompanhei-a. Lá fora, no jardim, esperava-a uma «conduite» ultimo modelo de qualquer marca cantada pela moda. Ella entrou. Depois, quando o carro asfava, já impaciente, pronto a correr, a desconhecida disse-me:

—Perdõe o mysterio de que me envolvi, enquanto estivemos falando. Não fique julgando muito mal de mim. Quem vive sob o comando da coração tem que viver em silencio!... Boa noite!

O «auto» partiu. Vendo partir esse carro, tive á impressão de ver fugir um enigma que valia bem a pena decifrar!

Nessa noite, dominado pela sombra misteriosa que a desconhecida tinha dobrado sobre mim, passei algumas horas a retocar a hipotese de aquella mulher poder ser, na realidade, a grande atriz de cinema americana, de aventuras, a Mary Walcamp, que durante anos, eu admirara na tela. A semelhança dizia-me que sim, que era ella, a interprete, voluntariosa, audaciosa, que chegara a ser senhora e dona das admirações de todo o mundo!

(CONTINUA)

Os 5 espias portugueses

(Conclusão da pagina 8 e 9)

Riso

Um jornal da noite recolhia o boato que estava eminente a prisão de um individuo cujos signaes correspondiam ao agente de Faro. Só no camarim é que eles leram o jornal e o que se julgava focado amedrontou-se visto que trazia sobre si um documento comprometedor. Para cumulo tinham visto nos bastidores do teatro um agente da policia de contra-espionagem Balden (será Baldy Belem?). Se fosse preso á saída e revisado estava irremediavelmente perdido. A falta doutra idela lembrou-se da seguinte: «Tinha ele comprado no «Lory» uma joia para a esposa e aproveitando-se do estojo ocultou o papel, sob a seda, durante uma ausencia da actriz e ofereceu-lhe como regalo de velho admirador.

Era a forma de se aliviar duma ameaça grave durante as horas de perigo. Extranhou a artista aquela invulgar generosidade; mas essa estranheza augmentou quando o agente A. lhe derigiu a proposta de comprar a joia. Pasmada mas gananciosa ela cedeu porque o preço oferecido era tentador. Não pára aqui o episodio... Na noite seguinte o agente A. que já tirara do estojo o documento oculto pelo companheiro e que sentira reviver a antiga paixão por aqueles belos olhos de Carmen, torna a oferecer-lhe a joia que na véspera ela lhe vendera... Tempos depois a esposa do agente de Faro tentou divorciar-se do marido porque tendo a citada actriz ida representar a Algarve numa «tournée», se exhibira no palco com a joia que ela, esposa, pedira ao marido para comprar depois de a ter visto na montra do «Lory» e que este dissera que a tinha perdido em Lisboa.

O CASTIGO DOS TRAIADORES

Dos cinco agentes portugueses que tivemos em Portugal e durante a guerra — prossegue Erick Phillips — evocarei um que bem caro pagou os serviços prestados... Havia um official que merecia grande e justa confiança ao governo, mas que vivia entre dois perigos constantes!

O jogo, e uma amante espanhola, divorciada de um fidalgo arruinado, que brincava com o seu coração e com o sua carteira como os gatos brincam com as bolas de papel. O tal agente o Agente D conseguiu com facilidade subornar a espanhola exigindo-lhe que obtivesse dele determinadas informações... Ao principio o official não se apercebeu do logro... Mas um dia nasceu lhe a suspeita e armou uma cilada á amante e ao seu cumplice, conseguindo apanha-los em flagrante conjura. Alucinou-se então e numa furia de louco espancou-os tão barbaramente que os deixou entre a vida e a morte. A scena deu-se numa Avenida nova, ao norte de Lisboa e veio relatada nos jornais como «tragedia passionnal» e não foi. Ela morreu pouco depois; e ele que vestia e veste como um «gentleman» é muito conhecido em Lisboa e quando lhe perguntam a causa de andar de muléttas atribue a um accidente de automoveis. Este nosso espia esteve ha pouco tempo em evidencia por causa duma alta es-croquerie que muito deu que falar no seu país.

OS EXECUTORES SECRETOS

As policias de contra espionagem — tanto aliada com alemã — usavam de um processo muito simples de eliminar os agentes dos adversarios quando os descobria — manobrando em terra extranha: era executa-los... A este respeito conta Phillips: «O nosso agente no Porto foi denunciado á policia franceza como autor duma manobra que causaram grandes prejuizos aos aliados. Imediatamente partiram para Portugal dois policias executores. O nosso agente, prevenido a tempo, e sabendo que não podia contar com a protecção das autoridades portuguezas, sem se denunciar a si proprio fugiu para a quinta dum parente seu, nas proximidades de Braga.

Os jornais de 18 de dezembro de 1927 dão a noticia dum misterioso assalto a essa quinta do qual resultou a morte, a ti-

ros de pistola, dum pobre creado. O diario «Noticias» do Porto afirmou que se tratava de um acto de banditismo puro, com objectivo de roubo. A verdade é que os assaltantes eram da contra-espionagem e foi um milagre o nosso agente ter escapado ás balas...

UM JORNALISTA PORTUGUEZ CONDENADO Á MORTE PELOS ESPIAS ALEMÃES

Fellips, que chama assassinos aos executores da policia aliada, acaba por confessar que um dos seus agentes em Portugal — o que era escriba politico e dono de uma gazeta — tudo em 5.ª classe — recebeu ordem de fazer desaparecer ou conduzir ao alto mar, ás visinhanças de certo submarino que rondava as nossas costas, um jornalista de renome e grande aliadillo... Fellips designa o com iniciaes: «H. N.» e esclarece que a victima pertencia á «Capital». Seria o illustre reporter politico Herculano Nunes ou o saudoso Hermano Neves? Ambos são dignos dos objectivos que o autor do livro lealmente lhes dedica e ambos defenderam com energia e talento a nossa intervenção na guerra; qualquer deles, pois, podia estar no index dos alemães... Mas o traidor, o outro, escriba reles, conta Fellips, não teve coragem de cumprir esta ordem infamante de provocar a morte ao compatriota e camarada (?) condenado pelo inimigo da patria... Mas como os seus chefes não admetiam desobediencias e muito menos covardias, o espião recebeu a ameaça de ser ele «executado» se não o «executasse»... Tremulo de medo — acrescenta Phillips — conseguiu que o governo portuguez o expulsasse de Portugal. Assim escapou ao castigo daqueles a quem se tinha vendido — desculpando-se que não cumpria a ordem porque tinha sido obrigado a ausentar-se do país...



Ela dengosa: Pois sim... mas tu dirias-me, quando nós namoravamos, que quer as «devar-me com beijos».
Ele pensativo: Ah! se eu o tivesse feito na occasião...



— Parece impossivel, que sendo teu pai sapateiro, tu andes descalço.
— Ora... Ora... Tambem o teu pai é dentista e o teu irmão pequeno anda sem dentes...

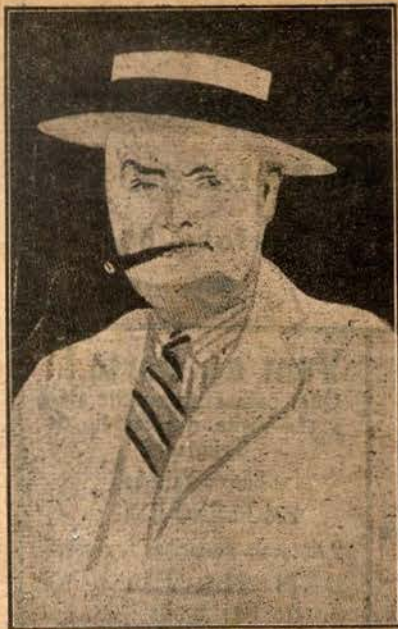
R E M A T E

Em rezumo: eram cinco os traidores — alguns dos quaes vivem hoje aureolados com o falso titulo de homens de bem e de patriotas puros. Quem eram eles? Julgo ter adivinhado, atravez das mascaras que Phillippe lhes afivelou, os rostos de dois... Adivinhem os senhores os restantes...

REPORTER X

reporter X

Qual o verdadeiro papel de Hennes no A & M?



Amleto Nobli, banqueiro, ex-deputado, e proprietário de um jornal de Trieste, a quem o nosso entrevistado se refere. (Caricatura de «Boni» publicada na revista «Tuttiti» a propósito de uma homenagem que lhe prestaram em Trieste)

fidências sobre A. & M. —calou-se num silêncio «gauche», prolongado, de olhos baixos. Entretanto, Ernest Keyser, na sua meza, amodorra. Só de tempos a tempo, o val—e vem do fotografo o desperta e o inquieto vagamente. Por fim, recomecemos o dialogo.

—Em 1923, diz o meu entrevistado—Hennes, que gosava então um ambiente admirável na alta finança e na politica alemã, esboçara, a pedido dum grupo de banqueiros berlinenses e holandezes, um projecto de financiamentos a Portugal. Era semear ouro nas colonias quasi virgens do vosso paiz. As negociações suspenderam-se porque, a certa altura, interveio um estrangeiro que pretendia introduzir fitos «politicos» inconfessáveis necessário, para isso, encontrar se alguém em Portugal que aportuguesasse a obra... Foi a unica sombra anti-lusitana que se projectou em toda esta historia—e sem con-

quencias visto que Hennes não só se recusou a colaborar com ele como retirou o apoio dos seus amigos, desmoronando se assim a empresa esquiçada. E não era alemão, nem sul-africano, nem holandez nem belga esse mal intencionado como se insinuou em Portugal: era italiano, banqueiro, amigo deputado e proprietário dum jornal em Trieste... Era, em suma, Amleto Nobli. Ficou o meu amigo com todo o «dossier» elaborado sobre Portugal aguardando vagar e oportunidade para o exhibir ao governo portuguez...

Foi então que surgiram todos os outros personagens. Hennes conhecia Marang havia algum tempo. Foi Marang quem no Hotel Central em 1923, durante um jantar, lhe falou das suas relações com financeiros influentes no seu paiz José Bandeira passou juuto a Marang e este segredou-lhe! «E' um dos individuos que citei: irmão do ministro». Hennes pedia para ser-lhe apresentado mas só um mez depois realisou essa apresentação. Dissertou-me que Alves dos Reis declarou que o plano—o verdadeiro, o baseado na legalidade embora coberto com uma emissão clandestina—partira do seu cérebro. Mente! (as faces de Jacob Meyer escarlatam-se) Quando, já depois de conhecer José Bandeira

e Marang elã foi apresentado a Hennes—disse-lhe: «Os meus amigos voca am-me u o plano s u sobre Portugal. Teria muito prazer de colaborar consigo tanto mais que os nossos pontos de vista se avizinham!»

«Uma vez em Paris, estando com Marang e com Stevert, um dos advogados alemães que ajudaram a redacção dos contratos, acompanharam-no ao «Quai d'Orsay» porque os directores do Banco de Portugal chegavam essa noite... Viram nos chegar e viram-nos sair da «gare» seguidos, ou quasi ao lado, pelo Alves dos Reis... A convicção de Hennes de que Alves dos Reis trabalhava de accordo com eles fortaleceu-se, a partir desse truco. Foi Hennes quem, de facto, orientou todo a negocio—mas sempre baseado no equívoco que a emissão, embora clandestina, era feita por ordem do governo—segundo os seus planos já esboçados em Berlim.

Em Lisboa tudo concorreu para aumentar o convencimento de Hennes. Do Hotel Alves Reis pediu na sua presença comunicação telefonica com um politico conhecido (e Hennes compreende o portuguez: é brasileiro naturalizado...) e esteve dez minutos palestando com ele sobre os nossos segredos... Truc facil? Telefone preparado? De certo... Mas assim—quem não é burlado?

Hennis... Perdão: Jacob Meyer tão decidido na promessa de mudar de rumo á entrevista e de cair a fundo nas tão cubiçadas con-

cessario, para isso, encontrar se alguém em Portugal que aportuguesasse a obra... Foi a unica sombra anti-lusitana que se projectou em toda esta historia—e sem con-

A' VOLTA DA VIAJEM TRIUNFAL

—Mas sendo assim—ensinuei—porque razão Hennes, que estava inocente, fugiu; e Alves Reis, estando culpado se apresentou á policia?

Meyer quizera continuar... Trava a frase iniciada; passa revista ao motor intelectual; e recomeça noutra velocidade:

—E' preciso conhecer Hennes para comprehendel'o sem o caluniar. Hennes é ousado, arriscado mesmo nos negócios; mas odeia a maçada, a complicação fora do negocio. E' um comodista. Hennes, homem de fardo, profetizou, na leitura do telegrama, o que o destino confirmou que era... Que ganhava elê no quixotismo de se apresentar—mesmo estando inocente? Alves Reis teimou em que ele ficasse; houve até uma troca de palavras asperas. Hennes chegou até a temer uma traição... Mas não. Pelo contrario... De Londres a Haya foi viagem facil... Em Haya, um advogado seu amigo, soube, por acaso, que um commissario da policia portu-

gueza obtivera um mandado de captura. Avisou-o, aconselhando a apresentar-se; mas Hennes, seguindo sempre o seu criterio preferiu assentar-se e assistir de longe á tempestade.

—Na Alemanha fechou uma nova combinação financeira e foi para a Turquia, demorando-se em Constantinople até ao ano passado.

—E onde se encontrava Hennes quando foi o julgamento?...

—Na Alemanha

—Perdão. A policia alemã declarou...

—De la blogue...—casquinhou Meyer, um pouco enervado; mas depois, mudando de tom emendou:—A policia alemã só o reconheceu sob a lei de estradição, depois do inicio do julgamento em Lisboa... Mas Hennes teve tempo de abandonar o paiz e de realizar todas as demarches para fundação de uma Companhia europeia e americana que hoje ocupa toda a sua actividade... (Uma pausa e continua, numa completa metamorfose de attitude, de gestos, de tom de voz e de expressão). Repito: Hennes não se apresentou porque era inutil a consciencia

tranquilla ante a fatalidade das apparencias. Planeara um negocio legal; realizou-o convencido dessa legalidade; se houve burla—burlado tambem ele se sente; os prejuizos sofridos nessa empresa, contando os dinheiros adeantados, elevam-se a 600.000 florins holandezes... O aspecto nivela-o aos autenticos culpados. Dificilmente provaria a verdade. Que precisão e tinha dese suicidar—porque era um suicidio—entregando-se á justiça para acabar os seus dias num degredo? Que ganhou A. dos R. com a sua habilidade—sobretudo ele, que era culpado? Assim ficou com a consciencia tranquilla... e como fisico mais tranquillo ainda.

As narinas de dilatavam-se, espirando sofregamente a brisa maritima que vinha refrescarnos... Era o simbolo da liberdade gulosamente saboreada. Uma pergunta ainda: o que pensa de A. dos R.

—Penso que mentiu a Hennes, quem entiu a Marang, que mentiu aos juizes... Porquê? Porquê? Porque... Ele lá sabe...

—E Hennis?...

—Está longe... muito lon-

ge, a caminho da America... —Do Paraguay?

Um ligeiro sobressalto sacode aquele enigmatico estrangeiro. Prescuta-me, semi-cerando os olhos... Quem me teria dito que...? Seria Keyser? Seria ele proprio, num descuido...? Depois, mais sereno, sorri, encolhe os hombros e levanta-se... A tarde caira precocemente... A multidão dominigueira e cosmopolita enchia o café embalada pela musica do sexteto, que recorda «music hall», castanholas, Andaluzia, zarzuelas... Ao longe, como colares de pedras expostos na seda azul das aguas, as luzes dos paquetes rebrilham convidando-nos ao oceano, á aventura, ás grandes cidades cinematograficas e febris do Novo Mundo... Despedimo-nos... Meyer deita um olhar ao porto distante—simbolo de todas as liberdades e de todas as aventuras. E afasta-se... coxeando...

Reporter X

**DISTINGUEM-SE
PELA
ELEGANCIA DOS
SEUS
MODELOS**



**CALÇADO DE
GRANDE LUXO**
Telefone, 88

"GARANTIA"
COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1880)
Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dez. mb o de 1927
Esc. 6.611.303\$33
Os segurados da «GARANTIA» devem ter
emp e em vista que a única outra Com-
panhia lles pode oferecer maiores vantagens:
seguro de vida obedece á matemática e
esta é uma sd. O que os segurados de-
vem exigir é idoneidade da Companhia, e
este ponto, a «GARANTIA» tem o es-
cudá-la o seu pas-sado.
SE DE
Rua Ferreira Borges, 37—PORTO
(EDIFICIO PROPRIO)
DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Souza, Cruz & C.ª, Lda
DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFICIO PROPRIO)

ANTIGA CASA TAVEIRA
Fundada em 1848
619, R. Fernandes Tomaz, 627 Rua de Santa Catharina, 335
PORTO
Casa especial em Casacos para Senhora
Sedas, Lãs, Algodões
Preços sem competencia

Vem ao Porto !!
Quer passar uma noite ale-
gre?—Visite o «Recreio da
Trindade»
Rua do Estevão
EM PLENO EXITO
2 Notaveis Bailarinas Francesas
DANAH et Floy se
Do Casino de Paris
Continuam em grande successo as
festejadas completistas b. llarinas
Irma Lilliane e Petite Manola
Orquestra Jazz—Esmer: lo servi-
ço de restaurante—Muitos t-
dos os dias Arte—Luxo—Alegria
Aberto toda a noite

Visitar a **Rainha das Meias** é preferida pelas suas ultimas novidades
Angulo das Ruas { S.ta CATARINA PORTO
e FORMOSA e FORMOSA Telefone, 67

E' caro? E'! Mas no
ESCONDIDINHO
Come-se, porque o
ESCONDIDINHO
é quem melhor serve.
A sua Cozinha, os seus mé-
ns, os seus serviços, os seus
alheres, os seus vinhos são
celebres e não tem rival.
Rua Passos Manuel—Porto

Nicolau Ferraz
HESPAÑA FRANÇA BRAZIL
E AMERICA DO NORTE
PASSAPORTES
AGENTE NO NORTE
da United States Lines
Telefone, 762
Rua do Loureiro, 60, 62—PORTO

Escudo's 3\$00
20 SEMANAS
Os melhores e mais chics
Cahpeus a prestações com bonus
Inscreeva-se já para esta semana e por
apresentação ou conhecimento
terá um bom chapen
no acto da inscrição
Chapelaria Portela
Telefone, 1776
Praça dos Poveiros, 80—PORTO

Grande Café Restaurante ITALIA
Rua 1.º de Dezembro—Lisboa
**A casa mais frequentada de Lisboa e que fornece
o especial bife Italia, com pão, vinho ou cerveja pelo
modico preço de 8\$00. Magnificos concertos das 15
às 18 horas e das 21 às 0 horas.
Com optima frequencia.**